

PRODUÇÃO DAS CONSOANTES NASAIS EM POSIÇÃO DE CODA E ASPIRAÇÃO DAS OCLUSIVAS SURDAS DO INGLÊS POR FALANTES PARAIBANOS

Edmilson Fernandes da Silva Júnior

Marcelle de Sousa Pontes Alves

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O capítulo que nos propomos a desenvolver aqui partiu de um projeto de pesquisa composto por duas pesquisas que objetivavam a análise de dois fenômenos diferentes da língua inglesa: as consoantes nasais em posição de coda (/m/, /n/, /ŋ/) e as consoantes oclusivas (/p/, /t/, /k/) em posição inicial de palavra. Muitas das referências bibliográficas de base foram compartilhadas e até mesmo literaturas sobre os fenômenos específicos foram trocadas a fim de que tivéssemos uma visão mais abrangente de estudos e pesquisas na interface da Sociolinguística e Fonética e Fonologia. Além dessa troca, também tivemos a oportunidade de trabalhar lado a lado de maneira colaborativa durante toda a pesquisa, desde a construção dos questionários iniciais, os instrumentos de pesquisa, a metodologia empregada, até a comparação de dados e os resultados com vistas à reflexão sobre as hipóteses iniciais propostas.

Inicialmente, levantamos algumas hipóteses gerais e específicas acerca de cada fenômeno, bem como implicações e reflexões pedagógicas e colaboração para os

diálogos acerca da aquisição e da produção de fenômenos do inglês como língua estrangeira por aprendizes paraibanos. Desse modo, além dos desdobramentos citados, o trabalho também objetivava a reflexão sobre como essa pesquisa poderia colaborar com professores de inglês já atuantes e com alunos de licenciatura, visto que estes forçosamente irão se deparar e lidar com questões fonético-fonológicas em sala de aula. Dito isto, assumimos um posicionamento que considerasse questões acerca da inteligibilidade dos fenômenos, visando sempre a um ensino pautado em estimular a consciência fonético-fonológica dos aprendizes.

A fim de guiar a exposição e a discussão dos dados, propomos duas perguntas que serão desenvolvidas e discutidas ao longo do capítulo. As variáveis que pensamos em relação às nasais pretendiam confirmar ou descartar as hipóteses “*A consciência fonológica vai ou não ter um papel fundamental na produção das nasais em posição de coda?*” e “*Quais variáveis vão se sobressair entre aquelas que pensamos?*”. As variáveis escolhidas para verificarmos a variação das nasais no falar paraibano foram: (1) nível de proficiência; (2) consciência fonológica; (3) tonicidade; (4) classe gramatical; (5) número de morfemas; e (6) tipo de instrumento.

No que diz respeito às consoantes oclusivas surdas, a hipótese inicial buscava examinar e responder à seguinte pergunta: “*As variáveis sugeridas são cruciais e/ou influenciam a ocorrência desse fenômeno?*”. As variáveis sugeridas na hipótese inicial como imprescindíveis e influenciadoras foram: (1) o nível de proficiência do falante; (2) a tonicidade das palavras; e, por último, (3) a distinção de produção dependendo do ponto de articulação. Acreditávamos, inicialmente, que esses três pontos listados seriam cruciais para a produção do fenômeno e que os números obtidos seriam díspares.

2. CARACTERÍSTICAS FONÉTICO-FONOLÓGICAS DAS NASAIS

As consoantes nasais existem em boa parte das línguas do mundo. No entanto, a distribuição dessas consoantes na sílaba, o número de fonemas e os pontos de articulação variam bastante entre as línguas em que estão presentes. Do ponto de vista articulatorio, uma consoante pode ser classificada como nasal quando, durante sua produção, o ar (parcial ou totalmente) passa pelas vias nasais (Laver, 1994). Assim, a decisão sobre um som ser oral ou nasal ocorre no véu palatino, isto é, se houver o abaixamento do véu palatino, o ar passa pelas vias nasais, tornando esse segmento nasal; por outro lado, se o véu estiver levantado, o ar passará somente pela via oral, o que resulta em um som apenas oral. Ainda do ponto de vista articulatorio, as nasais se assemelham às vogais, uma vez que essas consoantes têm na sua produção a passagem do ar livre (Cruttenden, 2014).

Do ponto de vista acústico, as nasais se diferem de consoantes como as oclusivas, uma vez que as nasais “não possuem nem lacuna de silêncio nem componente sonoro (característica comum tanto nas oclusivas, devido à explosão na soltura do ar, quanto nas fricativas, por conta da fricção)” (Cruttenden, 2014, p. 209). Em relação à semelhança acústica das consoantes nasais com as vogais, é preciso mencionar que a estrutura dos formantes dessas consoantes é bem parecida com a das vogais. No entanto, é possível distinguir as nasais das vogais no espectrograma, uma vez que as frequências das consoantes nasais são bem inferiores àquelas das vogais (Ladefoged; Johnson, 2011).

No que diz respeito às consoantes nasais no inglês e no PB, há algumas similaridades e diferenças em seu comportamento. Em relação às similaridades, é preciso mencionar que ambas as línguas têm em seus inventários fonológicos três consoantes nasais. Outro ponto semelhante é o fato de ambas terem nos seus sistemas duas nasais mais comuns (/m/ e /n/ tanto no inglês quanto no PB) e uma mais rara e até restrita em alguns dos casos (/ɲ/ no PB e /ŋ/ no inglês). Ainda, as nasais mais recorrentes tanto no inglês quanto no PB compartilham os mesmos pontos de articulação, sendo uma delas bilabial /m/ e a outra alveolar /n/ (Silva Júnior, 2020).

Apesar de haver semelhanças entre os dois sistemas no tocante às nasais, é relevante mencionar que as diferenças entre as duas línguas acerca dessas consoantes também são consideráveis. A primeira e a mais importante delas diz respeito ao traço de distintividade das nasais na posição de coda entre os dois idiomas. Enquanto no inglês a troca de consoantes nasais em posição de coda acarreta contraste, no PB as nasais quando estão em travamento silábico não produzem diferenças a nível fonológico, ou seja, a troca de uma nasal por outra não produz diferença de significado.

Outra diferença sobre as consoantes nasais entre a língua portuguesa e a língua inglesa é que as consoantes nasais no inglês podem ocupar a posição central da sílaba, possibilidade que não se aplica no PB. Isso quer dizer que no inglês as nasais têm um status silábico, o qual no PB só pode ser atribuído às vogais. No entanto, é importante mencionar que esse fenômeno acontece apenas em sílabas átonas e no final de palavras nas quais a vogal também átona /ə/ é apagada e a consoante nasal assume essa posição (Ladefoged; Johnson, 2011, p. 67). A título de exemplo, temos a palavra algodão em inglês “cotton”, cuja pronúncia na variedade padrão do inglês dos Estados Unidos é ['kɑ:.ʔn], sendo possível apagar o /ə/ completamente e colocar a nasal alveolar no centro da sílaba [n], sendo pronunciada como ['kɑ:.ʔn].

Conforme mencionado anteriormente, ambas as línguas apresentam três consoantes nasais, das quais duas dessas compartilham os mesmos pontos de articulação (/m/ bilabial e /n/ alveolar). Entretanto, no que se refere à terceira consoante nasal, os pontos de articulação não são compartilhados entre os dois sistemas, pois no inglês a terceira nasal é velar /ŋ/, enquanto no PB ela é palatal /ɲ/.

Neste capítulo, no que diz respeito às nasais, focamos na diferença que se mostra mais relevante aqui: a presença de distintividade entre as nasais na posição de coda no inglês e a ausência dessa mesma característica no PB. Esse foco se explica porque esse traço diferente entre as línguas pode gerar na interlíngua produções que transfiram a ausência de contraste no PB para a língua inglesa, o que pode acarretar problemas de inteligibilidade.

Essas produções realizadas na interlíngua não são as mesmas entre todos os falantes, isto é, não existe apenas uma manifestação fonética possível para todos os falantes de L2. Isso acontece, pois assim como na língua materna, existe variação também na interlíngua. Saville-Troike (2006) já trouxe a variação como uma das características da interlíngua.

É importante mencionar que, assim como acontece nas produções em L1, a variação em L2 também não se dá de maneira aleatória, ou seja, existem variáveis que vão condicionar a variação entre os falantes. No entanto, é preciso ressaltar que as variáveis que influenciam a produção de uma variante em detrimento da outra não são, necessariamente, as mesmas se pensarmos em um mesmo fenômeno variável existente tanto na língua como L1 quanto como L2. É preciso mencionar também que nem sempre um fenômeno variável em uma língua como L1 será variável na L2 e vice-versa.

Em se tratando da variação das nasais na posição de coda, é necessário apontar que existe variação dessas consoantes em ambos os sistemas. Todavia, tanto os contextos quanto as variantes advindas dessa variação são diferentes entre o inglês como L1 e como L2. Enquanto no inglês como L1 a variação das nasais na posição de travamento silábico se concentra nos contextos “ing”, no qual existe a troca de uma nasal velar por uma alveolar dependendo da classe gramatical da palavra, do nível de atenção à fala, da raça, do gênero e da classe social, no inglês como L2 essa variação das nasais na coda é muito mais ampla e tem outras possibilidades de variação.

3. CARACTERÍSTICAS FONÉTICO-FONOLÓGICAS DAS OCLUSIVAS SURDAS

As consoantes oclusivas surdas existem tanto no sistema do PB quanto no sistema do inglês. A produção desses segmentos, do ponto de vista articulatório, consiste na obstrução total dos articuladores envolvidos, seguida por uma pequena explosão com a liberação do ar. As oclusivas diferem entre si em relação aos seus pontos de articulação, de modo que, nas oclusivas bilabiais /p/ e /b/, os articuladores são os lábios superior e inferior; nas oclusivas alveolares /t/ e /d/, os articuladores são a lâmina da língua e os alvéolos; e, por fim, nas oclusivas velares /k/ e /g/, os articuladores são a parte posterior da língua e o palato mole. Para os fins do trabalho apresentado neste capítulo, focaremos apenas nas características das oclusivas surdas /p/, /t/ e /k/.

Como mencionado anteriormente, uma característica inerente às consoantes oclusivas é sua explosão na soltura de ar; a depender do sistema em que está sendo produzida, bem como de sua posição silábica, a explosão vem a ser, de certo modo, mais marcada e pode afetar a inteligibilidade. Tomando como exemplo o sistema da língua inglesa, a produção das consoantes oclusivas surdas é bastante característica, e em posição de *onset* silábico ocorre o fenômeno de aspiração, diferentemente do sistema do PB, no qual não há aspiração das consoantes em posição de *onset*. Algumas pronúncias-alvo que podemos citar para ilustrar tal fenômeno da língua inglesa seriam *paper* [p^heɪ.pə^r], *tear* [t^hea:] e *car* [k^hɑː^r], em oposição às pronúncias não aspiradas [peɪ.pə^r], [tea:] e [kɑː^r]. No PB, algumas palavras como *paraíso*, *tampa* e *carro* ilustram que, nesse sistema, não há a aspiração dessas consoantes nessa posição silábica.

Em linhas gerais, o fenômeno de aspiração inerente ao inglês consiste em uma explosão de ar mais marcada e prolongada. Autoras como Jenkins (2000) e Souza (2012) levantam a problemática de produções de sons que possam interferir na inteligibilidade, e a falta de aspiração das consoantes oclusivas em posição de *onset* é citada como possivelmente prejudicial à inteligibilidade da mensagem. No Quadro 5.1, podemos observar alguns exemplos de vocábulos com a pronúncia aspirada e não aspirada, apontando para questões de inteligibilidade destes.

Quadro 5.1 – Relação entre aspiração e inteligibilidade em vocábulos

Pronúncia aspirada	Possível entendimento auditivo na ausência de aspiração
tie ['tʰaɪ]	die ['dai]
time ['tʰaɪm]	dime ['daim]
pie ['pʰaɪ]	bye ['bai]
Kate ['kʰeɪt]	gate ['geɪt]

Fonte: Alves (2019, p. 6)

Desse modo, mesmo que o contexto da fala algumas vezes possa indicar o significado da palavra, caso a consoante oclusiva não seja aspirada, é necessário entender os processos de produção desse fenômeno, a fim de evitar possíveis falhas na comunicação, visto que, como problematizado por Jenkins (2000) e Souza (2012), a produção desses sons interfere na inteligibilidade da mensagem.

4. PERSPECTIVA COLABORATIVA

O trabalho colaborativo foi imprescindível para o desenvolvimento satisfatório da pesquisa. Embora pesquisássemos fenômenos diferentes, todos os instrumentos utilizados foram construídos colaborativamente, visando contemplar a análise de ambos os fenômenos a partir dos mesmos dados. Os instrumentos referem-se a uma lista de palavras, um texto para leitura e um questionário.

No que se refere à lista de palavras, desenvolvemos uma lista com palavras que continham ambos os fenômenos (nasais em posição de coda e oclusivas em posição inicial de palavra). O fato de termos palavras com fenômenos de outra pesquisa foi importante, pois ajudou a disfarçar o que cada um investigava, diminuindo as chances de automonitoramento da fala durante a leitura das palavras.

Nosso instrumento de leitura textual contou com os vocábulos presentes na lista de palavras. Utilizando esses vocábulos, produzimos um pequeno texto coerente para que os informantes fizessem a leitura em voz alta.

Por fim, outro instrumento utilizado para observarmos a presença de consciência fonológica por parte dos informantes foi um questionário com questões sobre alguns padrões fonotáticos do inglês.

5. COLABORAÇÃO NA COLETA DE DADOS

Conforme aponta Tagliamonte (2006), a parte mais desafiadora da pesquisa em sociolinguística é a coleta de dados. Isso se deve ao fato de ela envolver diversos

desafios, sendo um dos principais encontrar informantes com o perfil almejado para a obtenção de dados significativos para o fenômeno investigado. No nosso caso, procurávamos falantes de nível básico, com e sem consciência fonológica, e falantes de nível avançado, também com e sem consciência fonológica.

Outro desafio que perpassa essa fase da pesquisa variacionista é a disponibilidade tanto do informante quanto do pesquisador, pois nem sempre os horários coincidem. Ainda, mesmo após encontrar um informante cujos horários coincidam com o do pesquisador, existe um outro fator essencial para a realização da pesquisa: um ambiente com pouco ruído sonoro, a fim de não causar interferências na coleta. Isso se torna ainda mais fundamental nas pesquisas que lidam com a percepção dos informantes ou com a produção dos informantes para a análise de fala.

Dada a dificuldade natural de encontrar informantes com perfil muito específico para a coleta de dados, adotamos outra estratégia comum em algumas pesquisas variacionistas, que é a pesquisa realizada com “amigos de amigos” (Tagliamonte, 2006). Levando em conta que precisávamos de um certo perfil de informantes, ter amigos ou colegas em comum com os informantes, embora ainda difícil, foi um pouco menos árduo.

Essa estratégia foi muito importante não só para conseguir mais informantes, mas também para que estes se sentissem um pouco mais à vontade durante a realização da entrevista. Isso se faz necessário uma vez que questões como timidez e vergonha de falar uma língua estrangeira na frente de outras pessoas geralmente impactam nos resultados. Por isso, esse contato intermediado ajuda a diminuir a tensão, embora esta ainda permaneça, por parte dos informantes.

Em adição à praticidade de termos dados suficientes para os dois fenômenos com os mesmos informantes e por meio dos mesmos instrumentos, outro fator que foi benéfico para nós na colaboração da coleta de dados foi a análise destes. Assim, apesar de a análise não ter sido feita em conjunto, tendo em vista que cada um analisou um fenômeno, pudemos compartilhar as variáveis que estávamos observando.

Desse modo, pudemos refletir se as variáveis classificadas como relevantes poderiam, ou não, ser um ponto de vista a ser observado pelo outro pesquisador, considerando que cada fenômeno apontava para uma série de variáveis a serem analisadas inicialmente, o que não nos impediu de, a partir dos dados, pensar em outras possibilidades.

6. DISCUSSÃO DOS DADOS E RESULTADOS OBTIDOS COM AS PESQUISAS

Passemos agora para a análise da produção dos fenômenos em estudo, iniciando pela produção das nasais e, em seguida, das oclusivas. Os resultados, tanto os das nasais quanto os das oclusivas, confirmaram umas e rejeitaram outras de nossas hipóteses. No caso, a não confirmação de algumas hipóteses foi crucial para observarmos que os resultados nem sempre serão iguais entre pesquisas similares. A esse fato atribuímos alguns fenômenos que explicam as razões pelas quais os resultados se mostraram diferentes das hipóteses.

6.1. Análise da produção das nasais

Os dados obtidos com os informantes da pesquisa foram rodados no software de pesquisa variacionista quantitativa Goldvarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005). Para verificar que fatores favoreceriam ou não a produção audível das nasais na posição de coda, escolhemos 6 variáveis, das quais 3 foram linguísticas (tonicidade, número de morfemas e classe gramatical) e 3 extralinguísticas (nível de proficiência, consciência fonológica e tipo de instrumento). Após a rodagem dos dados, todas as variáveis foram consideradas relevantes para a produção audível das nasais do inglês na posição de coda pelo Goldvarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005).

Em relação à variável nível de proficiência, esperávamos que o nível avançado favorecesse mais a produção audível das nasais do que o nível básico. Essa hipótese segue uma tendência de pesquisas feitas com variação em L2, confirmando a hipótese de que falantes do nível avançado tendem a aproximar a produção de questões da L2, da mesma forma que os falantes nativos daquela língua o fazem. No caso dos falantes de nível mais básico, estes tendem a produzir fenômenos da L2 conforme acontece na sua própria L1.

Tabela 5.1 – Ocorrência de produção audível das nasais em coda na variável “nível de proficiência”

	N/T	%	P.R.
Avançado	358/441	81,2	0.66
Básico	237/415	57,1	0.32

Input: 0.71

Significância: 0.00

Fonte: Silva Júnior (2020, p. 34).

No que diz respeito aos resultados da variável “nível de proficiência” na pesquisa sobre as nasais, a produção audível das consoantes nasais foi mais favorecida pelo nível avançado, corroborando outras pesquisas na área, com um peso relativo 0.66. Esse resultado revela que o nível de proficiência influencia na produção audível e contrastiva das consoantes nasais na posição de coda, ou seja, aproxima-se do que de fato acontece no inglês como L1. Em contrapartida, os dados obtidos do nível básico mostram que os falantes que se encontram nesse nível tendem a manter o padrão do PB em relação às nasais em posição de coda, isto é, há ausência de contraste e de percepção dessas consoantes nessa posição. Esse resultado está alinhado com o que outras pesquisas que lidam com L2 apresentaram, como em Lima (2014) e Fragozo (2010), também revelando a importância do nível de proficiência para a produção mais ou menos similar à produção dos falantes nativos da L2.

Outra variável que tem sido colocada em pesquisas que lidam com variação em L2 é a consciência fonológica, a fim de verificar se o conhecimento acerca do sistema fonológico da língua estudada interfere na produção dos falantes. Os resultados dessas pesquisas têm, em geral, apontado para a importância desse conhecimento sobre o sistema fonológico da L2 na produção de fenômenos mais similares à L2. Por essa razão, decidimos colocar essa variável entre as que estávamos investigando.

Tabela 5.2 – Ocorrência de produção audível das nasais em coda na variável “consciência fonológica”

	N/T	%	P.R.
Com consciência	381/508	75,0	0.55
Sem consciência	214/348	61,5	0.41

Input: 0.70

Significância: 0.00

Fonte: Silva Júnior (2020, p. 36).

Os resultados trazidos pelos dados mostraram que a consciência fonológica é um fator que influencia na produção audível das nasais na posição de coda, confirmando as nossas hipóteses e indo em consonância com outras pesquisas que tiveram a mesma variável. O peso relativo dos falantes com consciência que produziram as nasais foi de 0.55, enquanto os falantes sem consciência apresentaram apenas 0.41. Entretanto, embora a variável também tenha se mostrado relevante, se a compararmos com os dados obtidos na variável “nível de proficiência”, podemos

perceber que os valores foram menores, tornando o nível de proficiência mais relevante do que a consciência fonológica no caso das nasais na coda.

Outra variável frequentemente utilizada em diversos estudos que tratam de variação seja em L1 ou em L2 é a variável “tonicidade”. Isso se deve ao fato de que diversos fenômenos variáveis são afetados pela acentuação, fazendo com que alguns processos ou traços sejam mais comuns em sílabas tônicas, enquanto outros sejam mais comuns em sílabas átonas.

Tabela 5.3 – Ocorrência de produção audível das nasais em coda na variável “tonicidade”

	N/T	%	P.R.
Tônica	417/536	77,8	0.54
Átona	178/320	55,6	0.41

Input: 0.70

Significância: 0.00

Fonte: Silva Júnior (2020, p. 37).

Essa variável se mostrava uma incógnita na nossa pesquisa, pois havia resultados divergentes no que se referia ao fenômeno das nasais em posição de coda em L1 e em L2. Nas pesquisas em variação na interlíngua com o inglês sobre as nasais, essa variável geralmente não se mostrava relevante, como em Gutierrez (2016). No entanto, nas pesquisas que lidam com a variação das nasais no inglês como L1, o acento tinha influência na produção de uma variante (no caso a nasal velar) em detrimento de outra (a nasal alveolar), conforme trouxe Labov (2001, 2006).

Nos resultados desta pesquisa, a posição tônica favoreceu a produção audível das consoantes nasais, como é possível observar no peso relativo 0.54. Por outro lado, a posição átona não favoreceu a aplicação do fenômeno, como revela o peso relativo 0.41. Portanto, a variável “tonicidade” tem relevância para a produção audível das consoantes nasais em posição de travamento silábico.

Outra variável que se mostra importante nos estudos que envolvem as consoantes nasais é a classe gramatical, ou classe morfológica. Essa variável é sempre levada em questão nos estudos que envolvem a variação das nasais na posição de coda no inglês como L1, pois, em relação às palavras terminadas em sufixo *-ing*, a classe gramatical favorece a nasal velar em uns casos e a nasal alveolar em outros.

Tabela 5.4 – Ocorrência de produção audível das nasais em coda na variável “classe gramatical”

	N/T	%	P.R.
Substantivo	248/299	82,9	0.61
Verbo	249/340	73,2	0.52
Adjetivo	98/217	45,2	0.31

Input: 0.71

Significância: 0.00

Fonte: Silva Júnior (2020, p. 39).

No que se refere à classe gramatical, os substantivos tiveram um peso relativo 0.61 para a produção das nasais, seguidos dos verbos com 0.52 e, por fim, dos adjetivos com 0.31. Isso quer dizer que os substantivos favoreceram a produção das nasais na posição de coda, enquanto os adjetivos levaram em mais da metade das ocorrências à perda de contraste na posição de coda, refletindo o que ocorre no PB.

Outra variável linguística relacionada ao nível da estrutura que já foi estudada em outros trabalhos envolvendo as nasais é aquela chamada “número de morfemas”. Nos estudos que envolvem o inglês como L1, essa variável não é estudada, uma vez que o fenômeno variável no inglês como L1 é a produção das nasais velares ou alveolares no sufixo *-ing*; logo, todas as palavras são, no mínimo, bimorfêmicas. Entretanto, nos estudos envolvendo a variação dessas consoantes do inglês por falantes brasileiros, as palavras terminadas em *-ing* não são as únicas estudadas, já que o fenômeno variável observado no PB é diferente daquele observado no inglês como L1. Em nossa pesquisa, todas as palavras eram monomorfêmicas ou bimorfêmicas.

Tabela 5.5 – Ocorrência de produção audível das nasais em coda na variável “número de morfemas”

	N/T	%	P.R.
Monomorfêmicas	486/630	77,1	0.55
Bimorfêmicas	109/226	48,2	0.35

Input: 0.71

Significância: 0.00

Fonte: Silva Júnior (2020, p. 40).

A produção audível das nasais foi favorecida nas palavras monomorfêmicas, conforme aponta o peso relativo de 0.55. Por sua vez, as palavras bimorfêmicas

tiveram apenas 0.35 de peso relativo, ou seja, não favoreceram a produção audível das nasais na posição de coda. Esses dados mostram que o sufixo *-ing* leva à produção não audível das nasais, provavelmente por conta do estudo dos tempos contínuos na escola em que os alunos geralmente aprendem que o “g” do sufixo não é pronunciado, ou seja, nessa ideia a nasal seria a última consoante e, portanto, seguindo o padrão no PB, também seria inaudível e sem ponto de articulação definido.

Por fim, o último fator que incluímos na pesquisa sobre a produção audível das nasais do inglês por falantes paraibanos foi a variável “tipo de instrumento”, também frequentemente chamada de estilo. Essa variável diz respeito à atenção que o falante presta em sua fala, variando de um nível mais formal, no qual presta mais atenção, até um mais informal, no qual está menos atento à forma como diz algo. Os estilos escolhidos por nós foram: lista de palavras, leitura de texto e entrevista, indo do mais formal ao menos formal.

Tabela 5.6 - Ocorrência de produção audível das nasais em coda na variável “tipo de instrumento”

	N/T	%	P.R.
Texto	174/204	85,3	0.69
Entrevista	61/76	80,3	0.63
Lista de palavras	360/576	62,5	0.41

Input: 0.71

Significância: 0.00

Fonte: Silva Júnior (2020, p. 41).

A princípio, esperávamos que a produção das nasais se mostrasse mais forte no estilo mais formal. No caso desta pesquisa, o estilo no qual o falante prestaria mais atenção seria a lista de palavras. Esse tipo de instrumento faz com que o falante se concentre na leitura de frases, ou seja, o nível de atenção fica mais alto. Em seguida, acreditávamos que a leitura do texto seria o segundo tipo de instrumento cuja atenção mediana poderia favorecer, mas em nível menor do que o da lista. Por fim, acreditávamos que a porcentagem de aplicação seria menor ainda na entrevista e até mesmo desfavoreceria a produção das nasais nessa posição, devido à atenção menor à fala prestada pelos informantes nesse tipo de instrumento.

Entretanto, o resultado nos surpreendeu, pois a variável que menos favoreceu a aplicação das nasais foi a *lista de palavras*, apresentando peso relativo 0.41. Por sua vez, o instrumento *entrevista* foi o segundo que mais favoreceu a produção

das nasais, com peso relativo 0.63. Assim, o instrumento *texto* se sobressaiu entre os tipos de instrumento, apresentando peso relativo de 0.69.

Após observarmos os dados, acreditamos que uma explicação provável para esse resultado esteja na diferença de ocorrências obtidas nos diferentes instrumentos, já que o número destas é bem discrepante entre os tipos de instrumento utilizados. Acreditamos que a explicação está no nível de proficiência e na disposição de cada instrumento, pois nos dois primeiros instrumentos os falantes tinham as mesmas palavras para produzir, fato que não ocorreu na variável entrevista, por ser um instrumento que não permite tanto controle da produção em L2. No gênero entrevista, o nível de proficiência possibilitou que os falantes de nível avançado produzissem mais palavras com as nasais na posição de coda em suas entrevistas do que os falantes de nível básico, fato que elevou o número de palavras com a produção audível das nasais.

6.2. Análise da produção das oclusivas

Como levantado na primeira seção deste capítulo, buscamos, por meio da pesquisa conduzida, comprovar nossa hipótese de que três variáveis eram imprescindíveis para a ocorrência do fenômeno de aspiração nas consoantes oclusivas surdas. As três variáveis para as quais buscamos comprovação foram as seguintes: (1) o nível de proficiência do falante; (2) a tonicidade das palavras; e (3) a distinção de produção dependendo do ponto de articulação.

Na primeira variável, acerca da proficiência dos falantes, buscamos investigar se a ocorrência do fenômeno seria mais alta em falantes com um nível maior de proficiência, em contraponto a falantes com um menor grau de proficiência, que teriam uma ocorrência mais baixa. Os números obtidos, entretanto, foram menos díspares do que imaginávamos inicialmente.

Tabela 5.7 – Ocorrência da aspiração na variável “nível de proficiência”

	N/T	%	P.R.
Básico	362/551	65,7	0.40
Avançado	509/681	74,7	0.57

Input: 0.73

Significância: 0.002

Fonte: Alves (2019, p. 9).

Considerando os números apresentados na Tabela 7, podemos perceber que essa variável não tem influência significativa na produção da aspiração, visto

que a diferença de ocorrências entre os números dos falantes de nível básico e de nível avançado é de cerca de 9%. Adicionalmente, ambos os níveis de proficiência apresentam alta produção do fenômeno.

A segunda variável considerava a tonicidade das palavras, ou seja, as palavras acentuadas teriam maior probabilidade de influenciar a produção da aspiração, enquanto as palavras átonas teriam menor probabilidade. É importante ressaltar que a acentuação no sistema do inglês se dá de modo diferente do sistema do português brasileiro, sendo o primeiro realizado por meio de uma pronúncia mais forte e marcada nas sílabas acentuadas, enquanto o segundo, em adição à marcação da fala, também indica a acentuação graficamente. Os números obtidos para essa variável podem ser observados na Tabela 8.

Tabela 5.8 – Ocorrência da aspiração na variável “tonicidade”

	N/T	%	P.R.
Átona	154/315	48.9	0.28
Tônica	717/917	78.2	0.57

Input: 0.739

Significância: 0.002

Fonte: Alves (2019, p. 10).

De acordo com os resultados obtidos, é perceptível a disparidade entre a produção da aspiração nas palavras átonas, produzida 154 vezes, e o número de realizações da aspiração nas palavras acentuadas, com 717 ocorrências. Esses números corroboram a hipótese inicial de que as palavras acentuadas teriam mais probabilidade de serem aspiradas. Ainda, é importante notar que esse resultado pode ser explicado a partir do que se entende por acentuação no sistema do inglês em contraponto com o sistema do PB. Considerando que os números contemplam aprendizes paraibanos de inglês como LE, a diferença da acentuação no PB e no inglês justifica os números. O PB tem a acentuação gráfica, auxiliando a partir da escrita como se deve pronunciar as palavras. Já no inglês, a acentuação é marcada no momento da fala; então, muitas vezes aprendizes brasileiros de inglês como L2 podem apresentar dificuldades em acentuar corretamente essas palavras.

Outro fator que justifica os números obtidos é a própria definição do fenômeno – a aspiração é uma explosão de ar inerente às oclusivas surdas. Em outras palavras, a produção dessas consoantes é mais “forte” e ocorre de maneira mais amena em palavras átonas, que acabam “caindo” no discurso conectado, sendo pronunciadas mais rapidamente e sem muita ênfase; inclusive, em alguns casos,

se a consoante átona estiver em posição medial ou de coda, ela pode até mesmo não ser pronunciada.

A terceira variável que buscamos investigar se influenciava a produção foi a distinção entre os pontos de articulação, sendo estes: as coronais /t/ e /d/; as dorsais /k/ e /g/; e as labiais /p/ e /b/. Na hipótese inicial, não apontamos um ponto de articulação que achávamos que teria ou não maior ocorrência, apenas especulamos se essa variável seria um facilitador na realização do fenômeno.

Tabela 5.9 – Ocorrência da aspiração na variável “ponto de articulação”

	N/T	%	P.R.
Coronal (C)	369/450	82	0.67
Dorsal (D)	321/473	67.9	0.44
Labial (L)	181/309	58.6	0.32

Input: 0.739

Significância: 0.002

Fonte: Alves (2019, p. 11).

Os resultados obtidos indicaram que as coronais tiveram um maior índice de produção da aspiração, em que 369 ocorrências foram aspiradas, ou seja, foram as mais produtivas. Em seguida, as consoantes dorsais tiveram 321 ocorrências aspiradas, sendo a segunda mais produtiva. E, finalmente, as consoantes labiais tiveram 181 ocorrências aspiradas, sendo dentre as três, a menos produtiva.

Apesar de inicialmente não termos determinado qual dos pontos de articulação esperávamos que fosse ser mais facilitador para a realização do fenômeno, especulamos que as dorsais seriam menos produtivas, acreditando que esse ponto de articulação não fosse tão facilmente produzido de forma aspirada por falantes brasileiros. Entretanto, os números não corroboram tal especulação. A conclusão acerca dessa variável é que, apesar de a diferença entre os números não ser tão grande, o ponto de articulação é bastante relevante para a produção da aspiração.

Adicionalmente, quando inserimos os dados no *Goldvarb X* (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), o programa sugeriu uma 4ª variável que não havia aparecido nas hipóteses iniciais como um possível fator influenciador para o fenômeno. A variável em questão é estilo de fala e resultou dos instrumentos utilizados na coleta dos dados – a entrevista, a leitura de um texto e a leitura de uma lista de palavras.

Sobre as etapas, faz-se necessário apontar os níveis de vigilância que já são esperados. Na entrevista, o nível de vigilância é muito baixo, visto que é descontraída

e informal; logo, esperava-se menor produção da aspiração. Na leitura do texto, o falante encontra-se em um ambiente um pouco mais controlado, e o nível de atenção é moderado; logo, esperava-se um leve aumento nas ocorrências. E, por fim, na leitura das palavras, o informante encontra-se em um ambiente completamente controlado e com o nível de vigilância máximo; desse modo, a tendência é que ele se esforce para produzir as palavras de um modo mais próximo ao que se espera de uma possível pronúncia nativa, sendo, assim, a mais produtiva dentro da variável.

Tabela 5.10 – Ocorrência da aspiração na variável linguística (estilo de fala)

	N/T	%	P.R.
Entrevista (E)	107/189	56.6	0.34
Leitura de Texto (T)	248/401	61.8	0.48
Lista de Palavras (L)	516/642	80.4	0.55

Input: 0.739

Significância: 0.002

Fonte: Alves (2019, p. 13).

Os resultados confirmam o que já era esperado das ocorrências nessa variável. Na entrevista, em que o informante se encontra mais descontraído e falando de maneira mais “natural”, obtivemos um total de 107 ocorrências aspiradas, sendo o ambiente menos controlado e menos produtivo para o fenômeno. Em seguida, na leitura do texto, em que o nível de vigília é moderado, o total de ocorrências aspiradas foi de 248, sendo a segunda mais produtiva nessa variável. E, finalmente, na leitura da lista de palavras, em que o nível de atenção na pronúncia é máximo, o número de ocorrências aspiradas foi de 516, sendo a mais produtiva para o fenômeno da aspiração na variável de estilo de fala. Apesar de os números corroborarem os resultados que já esperávamos para essa variável, não esperávamos que esta aparecesse como uma variável de importância e influência para a produção das oclusivas surdas, visto que, como mencionado no início do capítulo, especulamos que as três primeiras variáveis fossem as mais influentes.

Finalmente, outro fator a ser levado em consideração é a vogal seguinte à consoante oclusiva surda e se há ou não influência na produção da aspiração. Das palavras selecionadas, percebemos a recorrência de quatro vogais: /æ/ em *cat*; /e/ em *pet* e *tech*; /ɪ/ em *pick* e *tip*; e /ɒ/ em *top*. Estas diferem no grau de abertura da mandíbula, sendo intermediária entre aberta e meio-aberta /æ/; meio-aberta /e/; fechada /ɪ/; e aberta /ɒ/. Examinando os resultados obtidos, podemos afirmar que os falantes paraibanos aprendizes de inglês como LE tendem a produzir mais

a aspiração quando a vogal seguinte é a fechada /ɪ/ ou a aberta /ʊ/. A vogal que menos influencia a aspiração é a meio-aberta /e/.

Desse modo, concluímos que podemos considerar a seguinte relação no que diz respeito à influência da vogal seguinte na produção da aspiração na consoante oclusiva surda: /ɪ/ = /ʊ/ > /e/, ou seja, a vogal fechada /ɪ/ e a aberta /ʊ/ são as vogais seguintes que apresentaram maior influência na produção da aspiração, sendo sua ocorrência equivalente entre si. A influência destas é, ainda, superior à produção do fenômeno quando acompanhado pela vogal meio-aberta /e/. Por fim, na vogal /æ/, não tivemos produções suficientes para considerá-la relevante, ou observar se há ou não influência na produção do fenômeno.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos com essas pesquisas foram bastante pertinentes a nossa formação, uma vez que pudemos ter um olhar mais atento não só enquanto pesquisadores(as), mas também enquanto professores(as) de língua inglesa. Entender o comportamento dessas consoantes no nosso dialeto é importante para trazer luz ao que acontece no nosso dialeto diante desses fenômenos da língua inglesa.

Além disso, essas consoantes são responsáveis por gerarem problemas de inteligibilidade e, portanto, merecem atenção de estudos em variação. Enquanto no caso das oclusivas a não aspiração das oclusivas surdas faz com que os falantes nativos ouçam oclusivas sonoras, no caso das nasais a ausência de contraste e de percepção na coda pode não permitir ao falante entender que palavra foi produzida.

Dessa forma, levando em consideração que, em geral, nas escolas o ensino de inglês é bastante focado em questões morfossintáticas, estamos aqui enquanto professores(as) advogando pelo ensino das questões fonético-fonológicas do inglês, a fim de munir os alunos de ferramentas para entender e, posteriormente, produzir o inglês falado.

8. REFERÊNCIAS

- ALLAN, D. *Oxford Placement Test 1*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- ALVES, M. S. P. *Aquisição da Característica “Aspiração” das Consoantes Oclusivas Desvozeadas por Aprendiz de Inglês como Língua Estrangeira*. Relatório de Pesquisa de Iniciação Científica. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2019.

CRUTTENDEN, A. *Gimson's Pronunciation of English*. 8. ed. New York City: Routledge, 2014.

DIAS, M. D. S.; GODINHO, C. D. P.; PACHECO, V. *A Produção das Consoantes Oclusivas do Inglês por Falantes Nativos e Brasileiros: A Relação entre Duração e Soltura*. Revista do GELNE, Natal/RN, v. 18, n. 1, p. 93-115, 2016.

FRAGOZO, C. S. S. *A redução vocálica em palavras funcionais produzidas por falantes brasileiros de inglês como língua estrangeira*. Dissertação (Mestrado em Letras) –Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

GUTIERREZ, A. *Variação na Aquisição Fonológica: Análise da Produção da Nasal Velar em Inglês (L2)*. 2016. 206f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change*. Social Factors (Language in Society). Philadelphia: Blackwell Publishers, 2001. v. 2.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Oxford: Basil Blackwell, 1972.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York city*. Washington: Center of Applied Linguistics, 1966.

LABOV, W. *The Social Stratification of English in New York City*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

LADEFOGED, P.; JOHNSON, K. *A Course in Phonetics*. 6. edition. Boston: Wadworth Cengage Learning, 2011.

LAVER, J. *Principles of phonetics* (Cambridge textbooks in Linguistics). Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LIMA, P. E. M. E. *A Palatalização do /S/ Pós-Vocálico: uma Análise Variacionista da Transferência Fonológica do Falar Paraibano (L1) na Aquisição de Inglês (L2)*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

LUCENA, R. M.; ALVES, M. S. P. Aquisição da Aspiração das Consoantes Oclusivas Surdas por Aprendizes de Inglês como Língua Estrangeira. In: ATAÍDE, C. (org.). *Estudos linguísticos e literários: Caminhos e Tendências* – Volume 3, Artigos de Graduação. São Paulo, SP: Pá de Palavra, 2019. v. 3. p. 261-268.

Macmillan English Dictionary for Advanced Learners. New York: MacMillan Publisher, 2002.

PEREYRON, L. *Epêntese vocálica em encontros consonantais mediais por falantes porto-alegrenses de inglês como língua estrangeira*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

PRESTON, D. *Second language acquisition and linguistic variation*. John Benjamins: Philadelphia, 1996.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics. Toronto: University of Toronto, 2005.

SAVILLE-TROIKE, M. *Introducing Second Language Acquisition*. New York City: Cambridge University Press, 2006.

SILVA JÚNIOR, E. F. *A aquisição das nasais do inglês em posição de coda por falantes paraibanos: uma análise da sociolinguística variacionista*. Orientador: Rubens Marques de Lucena. 2020. 51f. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

SOUZA, A. *A produção das oclusivas desvozeadas do inglês por aprendizes brasileiros: uma análise acústica*. 2012. 52 fls. Monografia (Licenciatura em Letras Português-Inglês) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

TAGLIAMONTE, S. A. *Analysing sociolinguistic variation*. New York City: Cambridge University Press, 2006.

